

Catequese Inclusiva: nada pode impedir que alguém se encontre com Deus

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

Minutos antes de o encontro começar, escuta-se o falatório das crianças e jovens, mas basta que a catequista os chame para a oração do Pai-Nosso e o silêncio predomina. Guilherme, 29, Noelia, 26, e Isabela, 10, se reúnem ao redor de uma pequena mesa – com uma Bíblia, uma vela, um porta-retrato com o desenho de uma criança sendo batizada, uma gravura de Jesus Cristo, uma imagem de Nossa Senhora Aparecida e uma ‘plantinha’ –, molham as pontas dos dedos e fazem o sinal da cruz, orientados pela catequista.

Todos os sábados, às 15h30, os três catequizandos com deficiência intelectual, em níveis diferentes, participam dos encontros da Catequese Inclusiva na Paróquia São Sebastião, na Vila Guilherme, conduzidos pelas catequistas Márcia Valéria Wissiniewski Souza, 60, e Silvana Lucia Nunes Aidar, 62.

Há mais de 40 anos, existe na Paróquia um núcleo do Movimento Fé e Luz, que atua para incluir as pessoas com deficiência intelectual na Igreja e na sociedade. Essa inclusão também envolve assegurar-lhes os sacramentos da Iniciação à Vida Cristã. Em novembro, Noelia e Isabela receberão a primeira Comunhão, após dois anos de preparação. Em 2024, será a vez de Guilherme, que começou na Catequese neste ano.

CRIADOS E AMADOS POR DEUS

O encontro daquele sábado, 30 de setembro, era sobre a criação: tudo o que foi criado por Deus e as coisas que Ele deu ao ser humano inteligência para criar.

Pouco a pouco, com desenhos e recortes de jornais e revistas, os catequizandos montam um cartaz com as criações humana e divina, em meio a breves explicações da catequista Márcia. “E ali na mesa de oração, o que Deus criou?”, ela pergunta. Isabela responde: “a plan-



Catequista Márcia Valéria com os catequizandos Guilherme, Isabela e Noelia, esta ao lado da mãe, Flor de Maria, na Paróquia São Sebastião

tinha”, e a leva para perto dos colegas. Cada um dos catequizandos, então, ganha um vasinho para decorar com papel colorido, no qual será colocada a plantinha, unindo, assim, a criação de Deus com o vasinho ornamentado com as próprias mãos.

“Temos a preocupação de não intelectualizar demais o encontro, para que eles consigam entender. E sempre tentamos fazer uma vivência, mostrando as coisas e propondo que façam algo concreto”, explicou Márcia ao **O SÃO PAULO**. Ela também criou alguns jogos para facilitar a compreensão dos conteúdos e se vale livros ilustrados durante os encontros, que têm duração de 40 minutos.

Mas será que os três catequizandos entendem o sentido de estar ali? Reconhecem a Cristo? “Quem é que Jesus ama?”, pergunta Márcia. “Eu!”, responde Guilherme, enquanto Noelia balança a cabeça afirmativamente e Isabela sorri.

“Nossa primeira preocupação é mostrar para as crianças que Jesus é o nosso amigo, e que como um grande amigo Ele nunca vai nos deixar sozinhos. Depois, apresentamos o Deus que é Pai, e todos os demais conteúdos da Catequese”, prossegue Márcia.

A catequista assegura que depois de concluir a Catequese, muitos continuam a ir às missas e têm a devida reverência ao receber a Eucaristia: “Nós não temos o poder de saber da fé de cada pessoa, mas muitos são os sinais de que eles entendem a manifestação de Deus”.

ACOLHIDA FRATERNA

Quando alguém é inscrito na Catequese Inclusiva, seu diagnóstico clínico só é perguntando à família posteriormente, se necessário. “Se for uma criança com o Transtorno do Espectro Autista, por exemplo, não será ideal fazer nos encontros algo que envolva muito barulho.

Por isso, essa informação é importante”, detalha Márcia.

O Padre Luiz Cláudio Vieira, Pároco, tem intensificado a divulgação da Catequese Inclusiva. “O mais importante é acolher quem chega. Toda pessoa tem direito de conhecer a Jesus, amá-Lo e viver a fé”, ressalta. “Futuramente, temos a perspectiva de que não exista somente uma sala para a Catequese Inclusiva. Todas as turmas serão inclusivas, mas para isso precisaríamos de mais catequistas preparadas”, explica.

Em 2017, durante o Congresso Catequese e Pessoas com Deficiência, no Vaticano, o Papa Francisco ressaltou que a Catequese deve buscar meios para que cada pessoa, mesmo que com graves limites e deficiências, “possa encontrar Jesus no seu caminho e abandonar-se a Ele com fé. Nenhum limite físico ou psíquico jamais poderá ser um impedimento para este encontro, porque a face de Cristo resplandece no íntimo de cada pessoa”.

Quando chegou a São Paulo há 16 anos, a peruana Flor de María Rasmussen Rivera, mãe de Noelia, vivenciou como é não ser bem acolhida. Na primeira vez que foi com a filha à missa em uma paróquia perto de sua casa, na zona Leste, o comportamento agitado da menina levou a reprimendas de um sacerdote. Depois, ela não conseguiu inscrever Noelia no grupo de Catequese. Como já participava do Movimento Fé e Luz em seu país, ela buscou um grupo no Brasil e encontrou na Paróquia São Sebastião a devida acolhida e uma turma de Catequese para Noelia. “Aqui minha filha sempre foi bem recebida. Ela gosta de abraçar e de beijar as pessoas. Elas ficam felizes e retribuem este carinho”, assegura.

No encontro de Catequese daquele sábado, Flor de María esteve ao lado da filha, reforçando os conceitos que eram apresentados pela catequista Márcia.

“Hoje, quando chegarmos a nossa casa, vou lembrá-la de que Deus criou as plantas, as flores, e que nós temos o dever de cuidar da plantinha para que floresça e continue crescendo”, disse a mãe, enquanto as duas se encaminhavam para participar da missa das 17h na Paróquia.

O QUE JÁ DISSERAM OS PAPAS

“[As crianças e os jovens deficientes físicos ou mentais] têm direito, como quaisquer outros da sua idade, a conhecer o ‘mistério da fé’. As dificuldades que eles encontram, por serem maiores, tornam também mais meritórios os seus esforços e os dos seus educadores”.

São João Paulo II – exortação apostólica Catechesi Tradendae (CT 41), em 1979

“Seja garantida também a comunhão eucarística, na medida do possível, aos deficientes mentais, batizados e crismados: eles recebem a Eucaristia na fé também da família ou da comunidade que os acompanha”.

Papa Bento XVI – exortação apostólica Sacramentum Caritatis (SC 48), em 2007

“Reafirmo veementemente o direito de as pessoas com deficiência receberem os sacramentos como todos os outros membros da Igreja. [...] Deve ser reservada uma atenção especial às pessoas com deficiência que ainda não receberam os sacramentos da iniciação cristã: poderiam ser acolhidas e inseridas no percurso catequético de preparação para estes sacramentos. A graça, de que estes são portadores, não pode ser impedida a ninguém.

Papa Francisco – mensagem no Dia Internacional das Pessoas com Deficiência em 2020

ONDE ENCONTRAR GRUPOS DE CATEQUESE INCLUSIVA?

A Comissão de Animação Bíblico-Catequética da Arquidiocese está à disposição para ajudar as famílias a encontrar turmas de Catequese Inclusiva e orientar os sacerdotes e catequistas. Os contatos de são:

Padre Paulo César Gil –

Assistente Eclesiástico para a Animação Bíblico-Catequética
E-mail: ppaulogil17@gmail.com

Márcia Valéria – representante da Catequese Inclusiva

E-mail: marciavws@yahoo.com.br
Telefone/WhatsApp: (11) 99946-2386

As inspiradoras vivências da Catequese Diferenciada

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

Após mais de dois anos de preparação, era chegado o grande dia. Igor (nome fictício), 14, acompanhado de seu cuidador, encaminha-se em direção ao altar. A catequista já havia mostrado a ele o passo a passo do que iria acontecer e o mais importante: de que naquele momento, receberia o amigo Jesus, de quem tanto ouvira falar.

“Ele tinha um comportamento muito agressivo, tanto que até ia com um cuidador aos encontros. No dia da primeira Comunhão, o padre olhou para a catequista e para ele e perguntou se podia dar a Comunhão. Este catequizando, então, olhou para o Cristo no altar, cruzou os braços na altura do peito e balançou a cabeça. Ele queria e sabia que estava recebendo Jesus”.

Histórias como essas são contadas de modo entusiasmado por Rosali Villa Real da Costa Bastos, 73, que desde 1993 dedica-se à Catequese para pessoas com deficiência, inicialmente chamada de Catequese Especial, e anos depois renomeada por ela para Catequese Diferenciada, com vistas a atender a todas as pessoas com deficiências, sejam cognitivas, sensoriais ou psíquicas.

Por 20 anos, Rosali trabalhou como professora no Instituto Helena Antipoff, o centro de referência em educação especial na cidade do Rio de Janeiro. Aos 15 meses de vida, seu filho, Nielsen, teve uma grave infecção, que resultou em uma significativa perda cognitiva e afetou seu desenvolvimento motor. Passados alguns anos, ela foi convidada a ser a catequista do próprio filho e de outras crianças com deficiência na Paróquia São Francisco de Paula, na Barra da Tijuca. Hoje, ela é a coordenadora arquidiocesana da Catequese Diferenciada.

TODO MUNDO JUNTO, MAS EM RITMO PRÓPRIO

Rosali recorda que as primeiras turmas de Catequese para as pessoas com deficiência intelectual ocorriam em grupos separados dos demais. Com o tempo, percebeu-se que seria possível que elas participassem com os outros catequizandos, desde que houvesse catequistas de apoio para explicar e exemplificar os conceitos.

“Hoje, a depender do número de catequizandos em uma turma, esta poderá ter de dois a cinco inclusos”, detalha. Nessas turmas, os encontros têm duração 50 minutos. “É sempre um encontro alegre, em um ambiente vibrante, no qual as crianças se abraçam e brincam”, conta Rosali, destacando que são utilizados recursos como cartazes explicativos, filmes, músicas e dramatização.

Pouco a pouco, os catequizandos também vão conhecendo a dinâmica pastoral da paróquia em que estão e aprendem as orações e outros aspectos da fé católica, como o sacramento da Reconciliação. “Nós mostramos para eles que a Confissão é como que um filtro, e que depois que a gente conversa com o padre o nosso coração fica limpo”, exemplifica.

Rosali destaca que a base da Catequese



Na Arquidiocese do Rio de Janeiro existem grupos de Catequese Diferenciada em diversas paróquias; a atual coordenadora é Rosali Bastos

Diferenciada é fazer com que o catequizando veja Jesus como seu grande amigo, em todas as situações. “Eles têm paixão por Jesus, sabem do horário da missa, acompanham tudo respeitosamente”, assegura, recordando que a Catequese leva de dois anos e meio a três anos para ser concluída.

Enquanto as crianças estão nos encontros, as mães são convidadas a participar do “Clubinho de Mães”, no qual conversam entre si e leem textos sobre religião e ética. “Sabemos que cada uma dessas famílias já suportou tanta porta fechada, tanta gente mudando de banco na igreja

quando chegam com o filho ou perguntando ‘o que é que ele tem?’. Elas também precisam de apoio”, afirma Rosali.

SUBSÍDIOS E A FORMAÇÃO DOS CATEQUISTAS

Na Arquidiocese do Rio de Janeiro, a formação para a Catequese Diferenciada acontece em um dia, com oito horas de duração, e pode incluir visitas a núcleos onde já ocorra.

“Nas visitas ou durante a formação, na parte da tarde, nós montamos um encontro para treinamento e daí surgem as dificuldades, e eventualmente se marca outro



Fotos: Acervo da catequista Rosali Bastos



dia de formação para continuar daquele ponto em que ficou alguma dúvida”, detalha a catequista.

Nestas ocasiões, também são apresentados os principais livros para a Catequese Diferenciada, entre os quais “Psicopedagogia Catequética – Reflexões e vivências para uma Catequese Inclusiva – Vol. 5 – Pessoas com deficiência”, da Paulus Editora; “Eu encontro Jesus”, de Jean Vanier, fundador do Movimento Fé e Luz; “Eu caminho com Jesus”, das Edições Loyola; e “Deus, verdade e vida”, editado em 1976 pelo Padre José Marques, redentorista, que à época atuava no Rio de Janeiro e pediu autorização ao Padre Osvaldo Napoli para traduzir o conteúdo e as metodologias criadas por este sacerdote na Argentina com vistas à Iniciação à Vida Cristã das pessoas com deficiência cognitiva.

A IGREJA É PARA TODOS

Rosali avalia ser fundamental que os católicos tenham uma cultura de observação das múltiplas realidades de seu território paroquial, a fim de que possam acolher melhor as pessoas com deficiência intelectual.

“É importante que a comunidade procure saber quem são as pessoas das famílias e se todas vão à missa. Ainda temos muitas realidades cruéis, de famílias que têm vergonha de seus filhos, que não os levam à igreja, pois ao chegarem outros perguntam coisas demais ou mudam de banco. Temos, sim, que observar o outro, mas saber como falar. Não se trata de ir com curiosidade, mas de se aproximar com carinho”, ressalta, lembrando, ainda, que aqueles que já receberam os sacramentos podem ser convidados a participar das atividades paroquiais conforme os limites de sua condição.

Rosali está à disposição para difundir a Catequese Diferenciada. Seus contatos são: rosalicbastos@gmail.com e (21) 97199-1520 (WhatsApp).

O QUE DIZ O DIRETÓRIO PARA A CATEQUESE?

Publicado em junho de 2020 pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização (atual Dicastério para a Evangelização), o mais recente Diretório para a Catequese trata, nos parágrafos 271 e 272, das peculiaridades da Catequese para pessoas com deficiência intelectual:

“As pessoas com deficiências intelectuais vivem a relação com Deus no imediatismo da sua intuição e é necessário e condigno acompanhá-las na vida de fé”;

“Que os catequistas procurem novos canais de comunicação e métodos mais adequados para favorecer o encontro delas com Jesus. Por isso, são úteis as dinâmicas e linguagens de tipo experiencial que impliquem os cinco sentidos e percursos narrativos capazes de envolver todos os sujeitos de maneira pessoal e significativa”;

“Em vista deste serviço, é bom que alguns catequistas recebam uma formação específica”;

“Os catequistas devem estar próximos também das famílias de pessoas com deficiência, acompanhando-as

e favorecendo a sua plena inserção na comunidade. A abertura destas famílias à vida é um testemunho que merece grande respeito e admiração”;

“As pessoas com deficiência são chamadas à plenitude da vida sacramental, mesmo quando se trata de distúrbios graves. Os sacramentos são dons de Deus e a liturgia, ainda antes de ser compreendida racionalmente, pede para ser vivida: portanto, ninguém pode recusar os sacramentos às pessoas com deficiências”;

“As pessoas com deficiência podem realizar a dimensão elevada da fé que compreende a vida sacramental, a oração e o anúncio da Palavra. Efetivamente, elas não são apenas destinatárias de catequese, mas protagonistas de evangelização”.